

# CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

21/Abril/2016

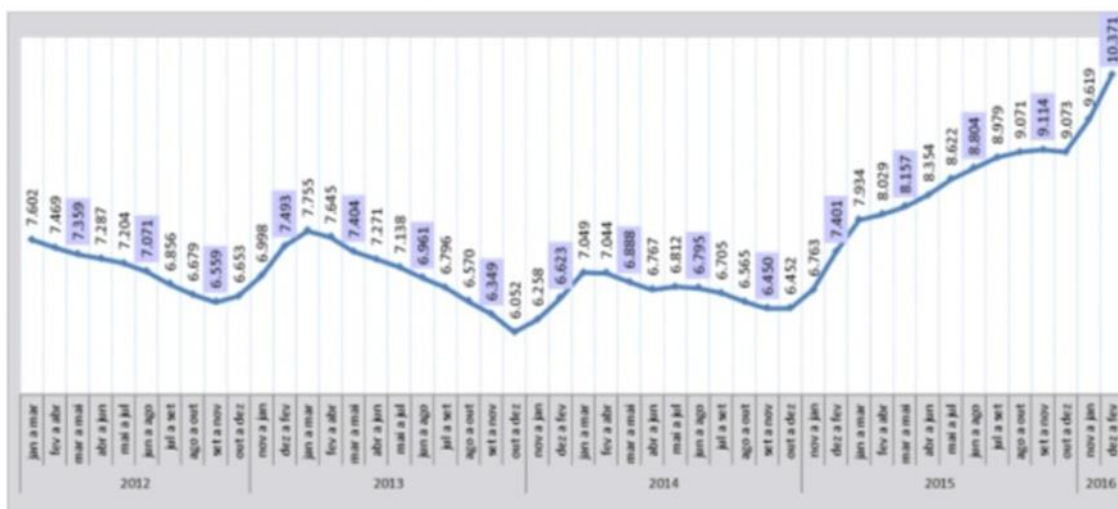
## Protoburguesia brasileira cria catastrófico desemprego dos trabalhadores.

Regis Amarante e José Martins, da redação.

A presidenta Dilma Rousseff foi rifada pela burguesia. A burguesia está sendo rifada pela economia. Entre uma e outra desgraça dos capitalistas a classe trabalhadora é ameaçada de morte. Preste atenção na economia para entender o que se passa e o que vem pela frente na política. Dois importantes indicadores divulgados neste início de semana, por exemplo, ilustram bem esse processo. Na terça-feira (19) o governo divulgou que a **arrecadação de impostos e contribuições** no primeiro trimestre do ano caiu ao ritmo anual de 7,2%, quase o dobro da velocidade de contração da economia (queda do PIB de 3,8% em 2015). Os cofres do governo sangram a uma velocidade estonteante. Em poucos meses faltará dinheiro até para pagamento de salários, aposentadoria, bolsa família, etc.

Nesta quarta-feira (20), o IBGE divulgou outro explosivo indicador. A **taxa de desemprego** no trimestre móvel encerrado em fevereiro de 2016 foi estimada em 10,2% para o Brasil, ficando acima da taxa do trimestre móvel encerrado em novembro de 2015 (9,0%) e superando, também, a do mesmo trimestre do ano anterior (7,4%). Quando os recursos públicos não são mais suficientes para pagar os salários indiretos (saúde, transporte, educação) e o aumento do desemprego elimina os salários diretos, a fome é a única perspectiva oferecida pela burguesia à classe trabalhadora.

**Pessoas de 14 anos ou mais de idade, desocupadas na semana de referência - Brasil (em mil pessoas)**



A população desempregada total (10,4 milhões de pessoas) cresceu 13,8% (mais 1,3 milhão pessoas) em relação ao trimestre de setembro a novembro de 2015 e subiu 40,1% (mais 3,0 milhões de pessoas) no confronto com igual trimestre de 2015. A situação é mais grave quando a velocidade do desemprego no setor produtivo da economia (indústria) é comparada à dos demais setores e agricultura.

Na análise do contingente de ocupados em relação ao trimestre de setembro a novembro de 2015, ocorreram retrações na indústria geral (-5,9%), informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (-2,5%) e administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais (-2,1%) e aumento na agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (1,9%). Nos demais setores de atividade não se observou variação estatisticamente significativa.

Para se ter uma noção do estrago, a população atualmente desempregada no Brasil já é maior que a população total de Portugal (10 329 484 pessoas em 2016). Grandes populações são componentes estratégicos para grande acumulação de capital e, dialeticamente falando, para grandes revoluções. Nestes termos, as grandes economias dominadas na ordem imperialista mundial – China, Brasil, Índia, Argentina, México, África do Sul, etc. – têm maior potencial revolucionário que microeconomias dominadas da periferia da União Europeia, como Grécia, Portugal. Irlanda...

Note-se também que o total da população desempregada listada acima se refere, pelo método do IBGE, apenas “aquelas pessoas que não tinham trabalho, num determinado período de referência, mas estavam dispostas a trabalhar, e que, para isso, tomaram alguma providência efetiva (consultando pessoas, jornais, etc.)”. Não são computados aqueles trabalhadores que desistiram de procurar novo emprego (desalento), trabalhadores informais, por tempo parcial, clandestinos, trabalho infantil, imigrantes ilegais, escravos, etc. Se for considerado essa enorme contingente de trabalhadores do exército industrial de reserva, a massa de desempregados oficiais apresentada no relatório do IBGE pode dobrar. Essa proporção entre a taxa restrita e a taxa ampla de desemprego é encontrada na economia dos EUA, onde o Bureau of Labor Statistics (BLS) divulga as duas taxas. No Brasil isso não acontece.

Diagnósticos e remédios para a crise econômica e política nacional. A crônica evolução do desemprego indicada no gráfico acima começou a se agravar a partir do primeiro trimestre de 2015, com a nova orientação adotada na política econômica. A não menos crônica **arrecadação de impostos e contribuições**, citada no início deste post, ocorre em absoluta sincronia com o agravamento do desemprego. Sai Guido Mantega, com sua política anticíclica, entra Joaquim Levy com o famigerado “ajuste fiscal”. E tudo desaba. Sincronizadamente.

Os partidários monetaristas da austeridade fiscal alegam que os problemas explodiram bem antes, no período 2012 e 2014, “devido a uma desastrosa política econômica de intervencionismo estatal, etc.”.

Ora, essa diferença de avaliação das causas e dos remédios para o atual derretimento da economia nacional é muito importante para saber qual política econômica pode (ou deve) ser feita doravante para se aliviar as dores do paciente e qual aceleraria ainda mais para a sua iminente catástrofe. Só com essa observação e crítica de diferentes diagnósticos e diferentes remédios para a crise econômica podemos prever com mais segurança as possibilidades de ação política do governo (ou governos) que deve substituir Dilma Rousseff. Aprofundaremos essa análise no próximo boletim da Crítica Semanal da Economia.